

EVOLUÇÃO DE PREÇOS DE PRODUTOS AGRÍCOLAS EM NÍVEIS DE PRODUTOR, ATACADO E VAREJO NA DÉCADA DE 80¹

Lilian Cristina Anefalos²

Lúcio Fagundes²

José Roberto Vicente²

1 - INTRODUÇÃO

O crescimento da agricultura brasileira na década de 80, apesar de menor do que o ocorrido na década anterior, teve como principal determinante a elevação da produtividade³. Esse resultado merece destaque dadas as condições prevaletentes no País durante os anos 80, tendo o setor agrícola superado o crescimento médio da economia e contribuído para que a crise não fosse ainda maior. Os produtos domésticos cresceram tanto quanto os exportáveis, apesar da diversidade ocorrida entre as regiões do País.

O aumento da produção verificou-se embora, durante boa parte desse período, seja consensual a ocorrência de queda dos preços reais recebidos pelos produtores; os insumos utilizados pelo setor, por sua vez, também teriam experimentado diminuição de preços a partir de meados da década de 80, exceto máquinas e equipamentos⁴.

Apesar da elevação da produtividade e dos custos decrescentes de insumos, freqüentemente os produtos agrícolas são mencionados como exercendo pressão sobre os índices de custo de vida. Seus efeitos sobre os salários reais podem ser demonstrados, por exemplo, pela pesquisa recente sobre orçamentos familiares, realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE). Os resultados mostraram que os alimentos consumiam, diretamente, 38% da renda; se agregarmos a esse total os 9% dispendidos com vestuário, temos uma participação de, aproximadamente, 40% a 50%, representada pelos produtos agrícolas⁵.

As diminuições nos preços recebidos pelos produtores, devido à existência de rigidez para baixo em preços de vários setores envolvidos na comercialização e/ou transformação de produtos agrícolas, não são, necessariamente, transferidas aos consumidores⁶. Segundo dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV) os preços em nível de produtor, de feijão e arroz, sofreram quedas de 9% e 26%, respectivamente, em termos reais; por outro lado, os consumidores pagaram, respectivamente, 52% e 88% a mais por esses

produtos comparando-se 1990 com 1981. Já os produtores de carne bovina e ovos, segundo a mesma base de comparação, conseguiram alguma elevação de preços reais (3% e 11% respectivamente), bastante inferiores, todavia, ao observado no varejo (89% e 64% respectivamente) (CONJUNTURA ECONÔMICA, 1992).

Aparentemente, portanto, os menores preços recebidos pelos produtores de alguns produtos não chegaram a beneficiar os consumidores. O objetivo deste trabalho é apresentar evidências empíricas para permitir conclusões mais sólidas a esse respeito. Para tanto serão apresentados e analisados preços em níveis de produtor, atacado (sempre que disponível) e varejo, para alguns dos principais produtos agrícolas.

2 - METODOLOGIA

As séries de dados utilizadas no presente estudo são as coletadas, analisadas e publicadas pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) (SANTIAGO et alii, 1990; INFORMAÇÕES ECONÔMICAS, 1989-92). Os preços recebidos pelos produtores são coletados através de amostra compreendendo produtores, Casas de Agricultura, agências do BANESPA, cooperativas, indústrias, atacadistas, sindicatos rurais, maquinistas, etc. Em nível de atacado, os informantes são comerciantes estabelecidos na zona cerealista da cidade de São Paulo, representantes de cooperativas, beneficiadores, indústrias, atacadistas, frigoríficos e granjas com sede na cidade de São Paulo. A amostra de preços no varejo cobre 30 subdistritos da Cidade de São Paulo, e é constituída por feiras-livres, supermercados, empórios/mercearias, açougues e quitandas⁷.

Foram construídas médias móveis trimestrais - para suavizar eventuais flutuações temporárias - de índices reais de preços (a base é a média do primeiro ano da década - 1981 - igual a 100), utilizando como deflator o Índice Geral de Preços (IGP-DI) da FGV, para os três níveis de preços⁸. Os preços

recebidos pelos produtores foram também deflacionados pelo Índice Geral de Preços Pagos pela Agricultura Paulista (IPP) calculado pelo IEA, o que deve propiciar um indicador mais apropriado para a relação preços recebidos/pagos. Para os preços ao consumidor também foi empregado como deflator o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) levantado e calculado pela FIPE, procedimento que possibilita identificar os produtos que se tornaram mais (ou menos) gravosos para os consumidores paulistanos.

No cálculo das médias anuais utilizou-se a média aritmética simples das observações mensais; no caso dos preços recebidos pelos produtores, essa é uma clara limitação do trabalho. Todavia, a construção de pesos para ponderação, variando todos os anos, só poderia ser feita com elevado grau de subjetividade e, provavelmente, elevados vieses. As ponderações existentes nos Censos Agropecuários, obtidas de forma mais objetiva, teriam que ser empregadas com base fixa ou arbitrariamente alterada, portanto, com eficiência duvidosa.

Com os preços deflacionados pelo IPP-IEA, a análise foi efetuada segundo a divisão tradicional baseada na formação de preços ao produtor: produtos domésticos, exportáveis e administrados⁹. Os grupos de produtos ficaram assim constituídos:

- a) produtos domésticos - arroz, banana, batata, cebola, feijão, tomate e ovos;
- b) produtos exportáveis - café, laranja, soja, carne bovina e carne de frango; e
- c) produtos com preços administrados - cana-de-açúcar, trigo e leite.

Posteriormente, para indicações sobre o comportamento de subgrupos de produtos na cesta dos consumidores (usando o IPC como deflator), foi empregada a divisão do grupo Alimentação no Domicílio utilizada pela FIPE:

- a) produtos *in natura* - banana, batata, cebola, laranja, tomate e ovos;
- b) produtos semi-elaborados - arroz, feijão, leite, carne bovina e carne de frango; e
- c) produtos industrializados - açúcar, café, farinha de trigo e óleo de soja.

3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, serão efetuados comentários sobre os produtos, com os preços deflacionados pelo IGP-DI da FGV; em seguida serão comentados os

resultados do emprego do IPP-IEA e IPC-FIPE como deflatores.

Os preços reais do arroz apresentaram acentuada queda a partir de meados da década de 80, tanto em nível de produtor como no atacado e varejo. Após atingir um preço médio máximo em 1983 (índice 121), ao final da década (1990) a média dos preços ao produtor foi 46% inferior ao ano-base (1981). No início da década de 90, após razoável recuperação em 1991, a média de 1992 foi igual a de 1990. Em níveis de atacado e varejo, as tendências foram as mesmas, com os preços médios em 1990 sendo, respectivamente, 36% e 32% inferiores ao ano-base, aumentando expressivamente em 1991 e voltando em 1992 próximos aos de 1990 (Tabela 1). Aparentemente, no período em análise, ocorreram elevações na margem total relativa de comercialização e nas margens relativas dos atacadistas e varejistas¹⁰.

Na década de 80 os preços médios recebidos pelos produtores de banana não apresentaram tendência uniforme, mas em 1990 foi atingido o patamar mais baixo, 30% inferior ao do primeiro ano da década; em 1991 essa situação agravou-se, com o índice sendo inferior à metade do ano-base. No varejo, entretanto, as variações foram bem menores, e somente em 1988 os preços foram inferiores à média de 1980. A queda acentuada de preços ao produtor ocorrida a partir de 1990 só beneficiou o consumidor em 1992, quando o preço médio no varejo foi 13% inferior ao do ano-base. A margem de comercialização total relativa parece também haver aumentado substancialmente no período.

Os preços médios da batata somente em 1983 e 1986 tiveram níveis superiores aos do ano-base, tanto para o produtor como no atacado e

TABELA 1 - Evolução dos Preços Reais de Produtos Agrícolas Domésticos (Lavouras), Estado de São Paulo, 1981-1992¹

(continua)

Ano	Arroz									Banana					
	Produtor ²			Atacado ³			Varejo ⁴			Produtor			Varejo ⁵		
	Mínimo	Máximo	Médio	Mínimo	Máximo	Médio	Mínimo	Máximo	Médio	Mínimo	Máximo	Médio	Mínimo	Máximo	Médio
1981	90	122	100	95	108	100	95	113	100	90	129	100	89	111	100
1982	96	126	115	103	116	108	110	127	117	62	132	87	89	129	109
1983	100	141	121	93	99	94	108	130	119	55	172	102	89	135	104
1984	99	121	107	83	94	89	99	108	102	75	159	113	88	130	109
1985	100	127	112	95	104	99	103	123	115	41	139	82	87	125	104
1986	86	127	99	92	102	99	102	110	106	89	140	107	101	132	113
1987	46	81	59	54	86	67	65	98	73	45	126	79	85	134	105
1988	57	79	68	58	87	72	67	85	77	78	120	95	80	108	89
1989	42	77	62	55	86	71	53	83	70	86	124	108	80	114	100
1990	47	69	54	53	83	64	50	91	68	60	80	70	81	133	105
1991	64	83	73	72	98	84	74	110	93	34	69	49	72	127	109
1992	43	63	54	51	71	61	57	84	66	68	99	87

¹Deflator: IGP/DI - FGV.²Arroz em casca.³Até junho de 1981, preços de grão longo amarelão dos estados centrais, a partir de então, grão longo amarelão de São Paulo.⁴A partir de junho/1985, preço do produto empacotado.⁵Banana nanica.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 1 - Evolução dos Preços Reais de Produtos Agrícolas Domésticos (Lavouras), Estado de São Paulo, 1981-1992¹

(continua)

Ano	Batata									Cebola								
	Produtor			Atacado ²			Varejo			Produtor			Atacado ³			Varejo		
	Mínim	Máxim	Médio	Mínim	Máxim	Médio	Mínim	Máxim	Médio	Mínim	Máxim	Médio	Mínim	Máxim	Médio	Mínim	Máxim	Médio
	o	o		o	o		o	o		o	o		o	o		o	o	
1981	78	143	100	82	136	100	87	131	100	59	154	100	40	170	100	77	121	100
1982	49	64	53	45	68	59	61	77	65	151	495	294	140	384	226	128	279	203
1983	51	143	114	61	186	135	71	165	133	129	292	235	103	296	213	116	304	210
1984	40	79	61	52	89	71	48	91	72	90	332	172	41	98	59	78	278	153
1985	43	100	64	44	132	76	56	127	83	114	811	350	126	721	367	98	548	253
1986	56	143	113	70	167	121	83	133	117	209	268	228	74	193	124	143	193	166
1987	32	124	71	35	129	70	51	125	96	48	195	131	37	134	75	63	193	135
1988	24	50	38	30	56	44	41	87	60	80	287	204	93	293	160	75	244	168
1989	29	117	71	33	139	83	44	160	93	61	171	113	72	153	102	75	152	103
1990	32	79	51	33	156	71	49	101	75	54	503	229	74	413	188	78	348	164
1991	21	92	60	48	150	100	40	131	85	48	117	72	52	109	75	57	200	121
1992	19	60	35	42	94	59	37	77	57	43	272	124	57	166	114	55	203	111

¹Deflator: IGP/DI - FGV.

²Até dezembro de 1988 média de batata tipos comum (especial, primeira e segunda) e lisa (especial, primeira e segunda); a partir de então, média das variedades Achat, Baraka, Delta, Elvira, Maraika, Monalisa, Radosa, Bintje (lavada e suja).

³Média das cebolas de Monte Alto, Mirandópolis e Piedade.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 1 - Evolução dos Preços Reais de Produtos Agrícolas Domésticos (Lavouras), Estado de São Paulo, 1981-1992¹

(conclusão)

Ano	Feijão									Tomate ²								
	Produtor			Atacado ³			Varejo			Produtor			Atacado ⁴			Varejo		
	Mínim	Máxim	Médio	Mínim	Máxim	Médio	Mínim	Máxim	Médio	Mínim	Máxim	Médio	Mínim	Máxim	Médio	Mínim	Máxim	Médio
	o	o		o	o		o	o		o	o		o	o		o	o	
1981	76	117	100	68	122	100	74	120	100	71	117	100	64	136	100	79	117	100
1982	40	59	44	37	55	44	40	64	49	70	101	87	56	91	77	67	92	80
1983	42	105	72	37	98	70	40	95	65	57	138	99	56	123	89	71	142	108
1984	56	133	90	55	135	90	61	120	88	35	92	68	36	91	60	52	114	77
1985	45	65	55	48	62	54	50	57	54	60	103	78	46	91	64	64	105	79
1986	50	68	58	50	65	56	55	61	57	66	169	114	76	163	106	83	180	122
1987	42	64	52	43	63	51	39	63	50	58	114	83	69	140	91	65	144	100
1988	36	52	42	38	49	41	36	57	45	52	84	69	47	86	64	50	94	69
1989	31	94	59	30	83	54	37	96	58	45	147	83	40	139	85	50	131	84

Informações Econômicas, SP, v.23, n.11, nov. 1993.

1990	30	38	34	30	35	33	29	49	39	32	113	69	34	124	77	52	120	85
1991	27	57	39	28	41	33	31	62	44	35	73	49	34	60	46	49	86	64
1992	24	40	30	26	41	30	26	38	32	42	64	56	36	54	40	62	63	62

¹Deflator: IGP/DI - FGV.

²Tomate de mesa.

³Feijão carioquinha.

⁴Preço médio mensal ponderado pelo Instituto de Economia Agrícola.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

varejo. No final da década, o preço ao produtor apresentou queda de 50% em relação a 1981, com alguma recuperação no ano seguinte e nova diminuição em 1992, quando representou pouco mais de um terço da média de 1981. Apesar do mesmo comportamento haver sido observado no atacado e varejo, a magnitude foi inferior, com as médias de 1992 sendo ainda superiores à metade do ano-base. Aparentemente, as margens relativas de comercialização dos atacadistas e dos varejistas cresceram, exceto, essas últimas, nos dois anos da década de 90.

Dos produtos presentes neste estudo, a cebola foi a que sofreu maiores variações nas médias de preços. Os preços médios ao produtor foram sempre superiores aos do ano-base, exceto em 1991. No atacado houve três anos com índices inferiores a 1981 e, no varejo, todas as médias foram maiores do que as do ano-base. As variações dos preços mínimos, médios e máximos foram, normalmente, menores no atacado e varejo do que ao produtor.

Os preços do feijão nos três níveis considerados apresentaram tendência e magnitude praticamente idênticas: ao final da década de 80 o índice da média ao produtor mostrou queda de 66%, no atacado de 67% e, no varejo de 61%. Em 1992 os preços foram ainda mais baixos, com as médias representando menos de um terço do ano-base.

As tendências dos preços médios do tomate de mesa não diferiram da regra até agora observada durante a década de 80, decrescendo em cerca de 30% em nível de produtor, 25% no atacado e 15% no varejo, comparando-se 1990 com 1981. Em 1991, ao contrário da maioria dos produtos, seu preço médio caiu ainda mais, mostrando alguma recuperação em 1992. A margem relativa de comercialização dos atacadistas aparentemente diminuiu durante a maior parte do período, enquanto que a dos varejistas e a margem relativa total teriam crescido.

Os preços médios do café tiveram tendências distintas durante a década, crescentes em 1985 e 1986 e decrescendo a partir de então. Os elevados patamares do biênio 85-86 são explicados pela severa seca que atingiu a cultura em 1985. Em 1990 o preço médio ao produtor era pouco superior à metade da média de 1981, enquanto que no varejo a queda foi de apenas 22%. No início da década de 90 essa tendência vem sendo mantida na média de preços recebidos pelo produtor, que atingiu índice 48 em 1991 e 41 em 1992; no varejo, após a diminuição acentuada em 1991 relativamente a 1990, a média de 1992 apresentou

certa elevação, atingindo índice 65 (Tabela 2). A margem total relativa de comercialização, considerando-se os preços médios, parecem ter-se elevado durante quase todos os anos do período.

Os preços médios recebidos pelos produtores de laranja do Estado de São Paulo, com exceção dos anos de 1983, 1987, 1989 e 1991, estiveram acima da média de 1981. Em 1984, 1985 e 1988 seus índices foram mais de 50% superiores ao ano-base. No varejo, a laranja de mesa teve flutuações menores, e se as quedas não chegaram a beneficiar integralmente o consumidor, os aumentos também foram inferiores aos experimentados pelos produtores; nos dois anos da década de 90 os preços médios ao consumidor foram de 20% a 30% inferiores aos vigentes em 1981.

Em 1990, o preço médio de soja em nível de produtor era a metade do ano-base, comportamento que também ocorreu no varejo e no atacado com o óleo de soja. Nos anos de 1991 e 1992 aconteceu pequena recuperação dos preços reais.

Os produtores de cana-de-açúcar do Estado de São Paulo também receberam preços médios decrescentes durante a década de 80, chegando a 50% de queda em relação ao ano-base em 1990; em 1991 e 1992 ocorreu modesta recuperação de preços reais. No varejo, todavia, apenas em 1986 - durante o Plano Cruzado - e em 1990 e 1991 os consumidores experimentaram queda considerável (acima de 15%) de preços médios do açúcar. A modesta elevação de preços ao produtor ocorrida em 1992 levou o preço médio no varejo próximo ao de 1981, com aumento de 30% em relação ao ano anterior.

Até 1986 os preços médios de trigo ao produtor mantiveram, aproximadamente, o nível do ano-base; desde então passaram a apresentar trajetória decrescente, atingindo índices 52 em 1989 e 37 em 1992. No varejo, até 1988 a tendência dos preços médios da farinha de trigo foi crescente (com exceção de 1986, ano em que houve queda considerável). Em 1989, o índice estava em 137, diminuindo nos dois anos seguintes e tornando a subir em 1992, que

TABELA 2 - Evolução dos Preços Reais de Produtos Agrícolas Exportáveis e Administrados (Lavouras), Estado de São Paulo, 1981-1992¹

(continua)

Ano	Café						Laranja ²					
	Produtor ³			Varejo ⁴			Produtor			Varejo		
	Mínimo	Máximo	Médio	Mínimo	Máximo	Médio	Mínimo	Máximo	Médio	Mínimo	Máximo	Médio
1981	91	119	100	90	108	100	75	111	100	89	117	100
1982	98	105	101	106	128	119	72	137	100	79	123	101
1983	79	109	93	93	134	117	59	93	69	65	100	80
1984	83	110	99	89	121	102	125	194	153	99	136	115
1985	122	208	150	105	184	145	133	197	171	110	141	121
1986	259	363	310	247	333	273	68	167	111	92	132	113
1987	59	217	100	73	231	131	73	147	96	82	130	106
1988	57	74	65	70	91	84	99	211	158	90	158	118
1989	42	106	76	85	133	105	53	152	92	68	114	89
1990	43	59	52	61	94	78	103	114	108	85	101	93
1991	43	55	48	51	63	58	46	89	66	68	93	78
1992	35	52	41	59	75	65	82	95	88	56	89	73

¹Deflator: IGP/DI - FGV.²Laranja de mesa.³Café beneficiado.⁴Pó de café.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 2 - Evolução dos Preços Reais de Produtos Agrícolas Exportáveis e Administrados (Lavouras), Estado de São Paulo, 1981-1992¹

(continua)

Ano	Soja								
	Produtor			Atacado ²			Varejo		
	Mínimo	Máximo	Médio	Mínimo	Máximo	Médio	Mínimo	Máximo	Médio
1981	93	117	100	86	123	100	94	106	100
1982	82	100	94	83	115	97	91	113	98
1983	92	210	130	80	145	102	84	169	112
1984	121	185	146	118	142	131	129	161	147
1985	104	130	111	83	122	108	97	130	121
1986	92	108	96	62	82	68	73	90	80
1987	68	110	85	54	63	58	62	72	66
1988	92	119	108	60	75	66	66	89	76
1989	54	115	80	46	65	55	50	70	64
1990	45	58	50	40	55	46	44	57	50
1991	52	62	56	40	57	49	51	61	56
1992	60	68	63	51	57	54	59	62	60

¹Deflator: IGP/DI - FGV.

Informações Econômicas, SP, v.23, n.11, nov. 1993.

²Óleo de soja.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 2 - Evolução dos Preços Reais de Produtos Agrícolas Exportáveis e Administrados (Lavouras), Estado de São Paulo, 1981-1992¹

(conclusão)

Ano	Cana-de-açúcar						Trigo			
	Produtor			Varejo ²			Produtor	Varejo ³		
	Mínimo	Máximo	Médio	Mínimo	Máximo	Médio	Médio	Mínimo	Máximo	Médio
1981	93	118	100	95	111	100	100	80	111	100
1982	97	117	105	95	126	106	96	105	134	121
1983	86	110	97	95	119	106	91	105	157	128
1984	80	97	90	89	110	99	101	124	140	129
1985	82	94	89	99	108	104	...	89	157	120
1986	67	84	72	78	96	83	106	77	104	87
1987	67	79	73	79	107	93	67	53	141	92
1988	59	70	64	94	107	100	54	116	183	152
1989	48	59	54	76	107	92	52	108	172	137
1990	44	55	50	64	110	79	...	82	142	109
1991	50	59	53	67	83	74	...	98	128	112
1992	51	59	56	84	103	96	37	132	137	135

Informações Econômicas, SP, v.23, n.11, nov. 1993.

¹Deflator: IGP/DI - FGV.

²Açúcar refinado.

³Farinha de trigo.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

foi 35% superior ao do ano-base.

Os produtores de ovos, apenas em 1984 (+25%) e em 1986 (+5%) receberam preços médios superiores aos do ano-base. A partir desse último ano a média apresentou tendência decrescente, com os níveis de 1990 a 1992 sendo pouco superiores à metade de 1981. No atacado e no varejo as quedas foram menores; apenas em 1991 os consumidores tiveram preços médios cerca de 40% inferiores aos de 1981, e a elevação de menos de 4% ocorrida em nível de produtor em 1992 (relativamente a 1991) teve como reflexo elevação de 11% no atacado e de 22% no varejo. As margens de comercialização total relativa e dos atacadistas aparentemente elevaram-se durante quase todo o período (Tabela 3).

Os preços médios do leite apresentaram tendência decrescente durante a década de 80, tanto para o produtor como no varejo, com alguma recuperação ocorrendo somente em 1987. As duas séries mostravam aproximadamente a mesma magnitude de variação até 1989; em 1990 a queda do preço médio ao produtor quase não foi transferida para os consumidores e a elevação de preços em 1992¹¹ - com relação ao ano anterior - foi de 9% ao produtor e de 18% no varejo.

A carne de frango mostrou relativa estabilidade de preços médios até 1987, nos três níveis considerados. Após a forte queda de preços de 1988 e de uma recuperação em 1989, a tendência passou a ser decrescente, atingindo em 1992 índices próximos à metade dos prevalecentes em 1981.

A carne bovina, tanto em nível de produtor como de varejo, apresentou até 1987 médias de preços pouco acima ou pouco abaixo das observadas em 1981. A partir daquele ano a tendência foi nitidamente decrescente, com os produtores recebendo de 31% a 37% menos do que o ano-base entre 1990 e 1992; nesses mesmos anos os preços ao consumidor estiveram entre 23% e 36% menores do que em 1981.

Os resultados apresentados acima para arroz, feijão, carne bovina e ovos, diferem dos publicados em Conjuntura Econômica (citados no item 1) no que se refere aos preços no atacado e varejo; todavia, convém ressaltar que os dados utilizados pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) são de todo o País, enquanto os aqui apresentados são os do Estado de São Paulo.

3.1 - Comportamento dos Preços Recebidos Pelos Produtores (deflacionados pelo Índice de

Preços Pagos)

Quando os preços médios recebidos pelos produtores foram deflacionados pelo Índice Geral de Preços Pagos pela Agricultura Paulista (IPP-IEA), os resultados aparecem como menos desfavoráveis aos produtores¹².

Entre os produtos domésticos, banana, cebola e tomate apresentaram ao final da década de 80 índices de preços médios superiores aos do ano-base; ovos, arroz e batata mostraram perdas entre 10% e 18% no índice de paridade. O feijão foi o produto cujo preço médio sofreu a maior queda em relação ao IPP-IEA. Os dois primeiros anos da década de 90 foram, sob esse prisma, piores para esses agricultores: apenas a cebola continua com índice superior a 1981 e os demais tiveram diminuições entre 25% e 60% comparativamente ao início da década de 80 (Tabela 4).

Café e soja foram os produtos exportáveis com preços médios no final da década de 80 inferiores aos de 1981. Em consonância com o ocorrido com o grupo anterior, nos dois anos iniciais da década de 90 os preços recebidos pelos produtores de exportáveis cresceram bem menos do que os preços pagos, deixando apenas a laranja com índice superior ao ano-base.

Os produtos com preços administrados apresentaram preços médios entre 18% e 36% menores em 1990 do que em 1981; em 1992 essas quedas ficaram entre 26% e 56%, em relação à mesma base.

3.2 - Comportamento dos Preços Pagos Pelos Consumidores (deflacionados pelo Índice de Preços ao Consumidor)

Se os preços deflacionados pelo IGP-FGV indicavam diminuições dos preços no varejo, os resultados da deflação pelo IPC-FIPE foram bem diferentes, com os alimentos aqui considerados pesando proporcionalmente mais no orçamento do consumidor.

Todos os produtos do subgrupo *in natura* estiveram com preços médios ao consumidor superior-

TABELA 3 - Evolução dos Preços Reais de Produtos Animais, Estado de São Paulo, 1981-1992¹

(continua)

Ano	Ovo									Leite					
	Produtor ²			Atacado ²			Varejo			Produtor			Varejo ³		
	Mínimo	Máximo	Médio	Mínimo	Máximo	Médio	Mínimo	Máximo	Médio	Mínimo	Máximo	Médio	Mínimo	Máximo	Médio
	1981	91	110	100	94	113	100	93	110	100	92	110	100	88	113
1982	58	120	94	72	117	98	84	114	100	78	91	82	74	83	79
1983	63	116	93	75	118	99	80	120	99	76	86	81	75	83	79
1984	103	138	125	102	129	119	100	117	111	69	76	73	68	76	71
1985	74	96	86	83	96	90	80	92	87	68	73	70	66	72	68
1986	82	115	105	88	105	98	84	98	93	56	72	64	51	72	58
1987	50	118	82	67	115	89	66	109	87	75	92	83	63	91	80
1988	50	90	74	61	88	77	64	87	77	66	76	70	66	74	68
1989	40	116	80	61	142	94	69	160	104	55	67	61	59	69	63
1990	40	73	56	54	85	72	59	91	78	41	63	52	53	69	61
1991	41	64	52	51	66	57	58	61	59	51	56	53	61	71	65
1992	42	67	54	57	69	63	62	78	72	49	67	58	70	83	77

¹Deflator: IGP/DI - FGV.²Média de ovos brancos tipos extra, grande, médio e pequeno.³Leite especial até dezembro de 1985; leite C a partir de janeiro de 1986.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 3 - Evolução dos Preços Reais de Produtos Animais, Estado de São Paulo, 1981-1992¹

(conclusão)

Ano	Carne de frango									Carne bovina					
	Produtor			Atacado ²			Varejo ³			Produtor ⁴			Varejo		
	Mínimo	Máximo	Médio	Mínimo	Máximo	Médio	Mínimo	Máximo	Médio	Mínimo	Máximo	Médio	Mínimo	Máximo	Médio
1981	89	118	100	90	116	100	89	119	100	84	126	100	91	114	100
1982	76	96	84	75	95	84	79	96	85	73	96	84	82	100	92
1983	80	110	92	80	112	92	87	113	96	74	122	94	89	122	101
1984	92	121	107	91	121	104	86	109	99	99	126	110	94	114	103
1985	68	118	92	65	111	88	62	108	85	63	122	90	62	117	87
1986	92	134	113	90	118	99	86	147	100	86	149	106	83	120	94
1987	75	134	90	70	95	79	65	171	96	84	168	107	86	152	106
1988	67	95	76	65	86	71	64	87	72	59	96	72	59	88	70
1989	66	124	92	63	107	81	69	119	88	69	107	88	67	100	81
1990	57	76	67	59	77	67	59	84	72	58	79	69	71	82	77
1991	54	65	57	52	59	55	53	64	58	56	77	63	53	81	66
1992	51	60	54	46	54	49	52	62	55	59	69	64	60	77	64

¹Deflator: IGP/DI - FGV.

²Ave abatida.

Informações Econômicas, SP, v.23, n.11, nov. 1993.

³Frango limpo.

⁴Boi gordo.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 4 - Evolução dos Preços Médios Reais de Produtos Agrícolas em Nível de Produtor, Deflacionados pelo Índice de Preços Pagos pelos Agricultores (IPP/IEA), Estado de São Paulo, 1981-1992

Ano	Domésticos							Exportáveis					Administrados		
	Arroz	Banana	Batata	Cebola	Feijão	Tomate	Ovo	Café	Laranja	Soja	Bovinos	Frangos	Cana	Trigo	Leite
1981	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1982	134	101	63	346	52	102	109	119	116	119	99	98	118	103	95
1983	137	114	131	271	81	115	105	109	79	146	107	104	109	91	93
1984	115	120	67	185	97	73	133	105	162	157	119	114	104	99	77
1985	125	89	72	389	60	88	95	168	190	124	100	103	166	...	78
1986	102	108	114	234	59	118	107	321	114	99	109	115	318	91	65
1987	63	83	73	136	56	86	84	100	102	91	113	94	98	74	88
1988	91	128	53	273	57	93	100	89	212	147	98	103	87	66	94
1989	83	150	96	161	79	112	108	101	127	109	123	126	98	64	84
1990	85	116	82	377	54	112	90	84	175	79	113	107	80	...	82

Informações Econômicas, SP, v.23, n.11, nov. 1993.

1991	113	77	95	111	60	79	80	74	102	87	100	89	72	...	82
1992	70	...	46	158	39	74	70	53	117	82	84	70	51	44	74

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

res aos de 1981, tanto em 1990 como em 1992. Índices inferiores ao ano-base só foram observados para batata em 1982 e 1984, tomate em 1982 e laranja em 1983. Entre 1990 e 1992 percebe-se uma tendência de queda nos preços médios reais desses produtos (Tabela 5).

Os preços médios dos semi-elaborados, com exceção do feijão (cuja média em 1990 foi cerca de um quarto inferior ao ano-base), também foram em 1990 substancialmente superiores aos vigentes em 1981; além do feijão, apenas a carne bovina e a de frango em 1982 e o leite até 1986 tiveram índices inferiores a 100. Assim como no subgrupo anterior, entre 1990 e 1992 os preços médios destes produtos tenderam a cair, exceto para o leite, cujo índice subiu 24% com a liberação de preços.

O único índice médio do subgrupo industrializados inferior ao do ano-base, foi o do óleo de soja em 1990. Em todos os demais anos e para todos os produtos, os índices foram maiores do que 100. A tendência dos preços médios entre 1990 e 1992, também ao contrário dos outros dois subgrupos, foi crescente, exceto para o café. Mesmo para esse último produto, a média de 1992 foi 15% maior do que a de 1991¹³.

Outro aspecto interessante de ser abordado sob a óptica dos consumidores é o comportamento dos preços desses subgrupos durante e após os congelamentos decretados nos planos econômicos¹⁴. Os preços dos produtos *in natura*, tanto durante o período de congelamento do Plano Cruzado¹⁵ como do Plano Bresser¹⁶, não apresentaram comportamento uniforme, com elevações de 18% (batata) até quedas de 45% (tomate) no primeiro desses planos, e elevações de 24% (banana e laranja) até quedas de 37% (ovos) no segundo (Tabela 6). Entre fevereiro e abril de 1989 (Plano Verão) os preços desses produtos cresceram de 0,3% (laranja) a 47% (batata). A laranja foi o único produto *in natura* cujos preços caíram durante os Planos Collor I¹⁷ e II¹⁸, com os demais subindo, respectivamente, entre 0,1% (ovos) e 242% (cebola), e entre 5% (tomate) e 66% (batata). Dois a três meses após os congelamentos dos planos Cruzado e Bresser os preços de alguns desses produtos subiram e outros caíram; após o Plano Verão, com exceção dos ovos, todos os demais caíram. Em igual período após o Plano Collor I, apenas a batata teve seus preços elevados, e após o Collor II todos os preços dos produtos *in natura* baixaram.

No subgrupo semi-elaborados, durante o Plano Cruzado, apenas os preços de carne de frango

subiram (14%) com os demais caindo (cerca de 12%); nos planos subseqüentes, os produtos desse subgrupo não apresentaram homogeneidade de comportamento de preços, com exceção do Collor II, quando apenas o feijão fugiu a regra de queda de preços reais. Em meses posteriores aos congelamentos, apenas após o Plano Verão houve uma tendência clara (elevações de preços).

Os produtos industrializados, cujo controle é menos difícil, apresentaram quedas significativas de preços durante todos os períodos de congelamento e durante os quatro meses iniciais do Plano Collor I. A única exceção foi a farinha de trigo no Plano Bresser; com a retirada do subsídio elevado, os preços reais subiram mais de 100%. Nos dois a três meses após os congelamentos, os preços nesse subgrupo, via de regra continuaram caindo; três meses após o Plano Collor I, com exceção do café, os preços subiram (entre 3% e 28%).

4 - CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os preços reais de produtos domésticos analisados, deflacionados pelo Índice Geral de Preços (IGP-DI/FGV), caíram entre 30% e 66% em nível de produtor durante a década de 80, com exceção da cebola. Comparando-se 1992 com 1981, essa queda ficou entre 42% e 70%. Os preços em nível de consumidor, entretanto, sofreram diminuições bem menores, exceto para o feijão e o tomate; os preços de cebola, por outro lado, subiram menos para os consumidores do que para os produtores. O mesmo comportamento (e, aproximadamente, a mesma magnitude) foi observado nos produtos exportáveis, exceto para a laranja (que apresentou elevação de preços até 1990 e queda menos acentuada que os outros produtos em 1992). Os preços ao consumidor, ao contrário dos produtos do grupo anterior, seguiram mais de perto as quedas ocorridas ao produtor. Para o grupo com preços administrados, os preços médios ao produtor caíram aproximadamente 50% durante a década de 80, com pequena elevação ocorrendo no começo da década de 90, exceto para o trigo cuja tendência de queda continuou. A exem-

TABELA 5 - Evolução dos Preços Médios Reais de Produtos Agrícolas em Nível de Consumidor, Deflacionados pelo Índice de Preços ao Consumidor (IPC/FIPE), Estado de São Paulo, 1981-1992

Ano	<i>In natura</i>						Semi-elaborados					Industrializados			
	Banana	Batata	Cebola	Laranja	Tomate	Ovo	Arroz	Feijão	Carne bovina	Carne de frango	Leite	Açúcar	Pó de café	Farinha de trigo	Óleo de soja
1981	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
1982	111	68	209	104	83	104	121	50	95	88	80	109	122	124	102
1983	114	145	227	87	116	109	130	72	110	105	85	114	125	139	124
1984	139	91	194	149	99	144	131	112	131	125	91	127	131	165	189
1985	146	118	358	171	113	124	163	77	122	118	96	147	205	169	172
1986	171	181	254	173	189	144	161	88	144	151	89	126	417	132	123
1987	160	145	206	163	153	132	111	78	159	143	122	142	196	140	102
1988	154	104	293	204	119	135	133	79	120	123	118	173	145	263	131
1989	185	170	193	165	153	192	132	108	149	160	118	171	194	254	119
1990	197	139	307	174	159	150	128	73	143	134	115	149	148	205	94
1991	197	155	221	143	117	110	171	81	119	105	119	137	106	204	105
1992	164	108	209	136	118	136	124	60	122	105	143	179	122	255	115

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 6 - Variação Percentual de Preços de Produtos Agrícolas em Nível de Consumidor, Cidade de São Paulo, Durante e Após os Planos Econômicos

Produto	Plano Cruzado			Plano Bresser			Plano Verão			Plano Collor I			Plano Collor II		
	<u>Out./86</u>	<u>Dez./86</u>	<u>Jan./87</u>	<u>Ago./87</u>	<u>Out./87</u>	<u>Nov./87</u>	<u>Abr./89</u>	<u>Jun./89</u>	<u>Jul./89</u>	<u>Ago./90</u>	<u>Out./90</u>	<u>Nov./90</u>	<u>Mai./91</u>	<u>Jul./91</u>	<u>Ago./91</u>
	Mar./86	Out./86	Out./86	Jun./87	Ago./87	Ago./87	Fev./89	Abr./89	Abr./89	Abr./90	Ago./90	Ago./90	Mar./91	Mai./91	Mai./91
<i>In natura</i>															
Banana	15	-2	0,2	24	30	26	14	-20	-24	59	-8	-22	15	-14	-24
Batata	18	-7	-20	-13	-37	-41	47	39	-2	6	60	36	66	-33	-51
Cebola	-8	0,7	-12	-20	-51	-55	2	-0,4	-25	242	-65	-71	65	-50	-62
Laranja	-23	18	23	24	29	50	0,3	-35	-38	-4	-3	-18	-14	-15	-12
Tomate	-45	-3	-2	-4	-18	-26	14	-31	-56	166	-32	-47	5	-30	-41
Ovo	-3	-10	16	-37	14	2	20	77	37	0,1	-22	-43	10	-4	-2
<i>Semi-elaborados</i>															
Arroz	-12	-12	-20	8	10	4	-8	-5	10	-23	50	113	-12	-9	-21
Feijão	-12	-10	-22	-16	-14	-22	-8	139	143	72	-7	-10	120	-21	-35
Carne bovina	-12	92	95	17	-1	2	4	54	25	0,2	11	-9	-7	28	46

Informações Econômicas, SP, v.23, n.11, nov. 1993.

Carne de frango	14	63	59	-20	16	15	27	36	0,2	21	9	-18	-4	4	-1
Leite	-12	-13	54	-4	-10	-12	-15	-5	0,4	-22	-0,3	13	-7	10	9
Industrial															
Açúcar	-12	4	-6	-4	-3	1	-15	-17	-22	-11	-17	10	-12	-2	-5
Farinha de trigo	-14	-10	-22	108	-8	-12	-15	-22	-22	-33	-5	3	-13	0,1	-1,7
Óleo de Soja	-13	-12	-22	-12	-7	-4	-4	-15	25	-12	15	28	-3	-7	-4
Pó de café	-17	-13	-24	-11	-17	-23	-18	-13	-22	-32	-5	-2	-8	-4	11

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

plo dos produtos de mercado interno, os preços no varejo geralmente diminuíram bem menos, com a farinha de trigo apresentando em 1992 elevação real de 35% comparativamente a 1981¹⁹.

As diferenças entre os preços anuais mínimos e máximos, indicativas de suas dispersões, para a maioria dos produtos analisados apresentaram picos ao redor de 1983 e de 1989, períodos de elevada aceleração inflacionária.

Quando os preços em nível de produtor foram deflacionados por um índice mais apropriado (Índice Geral de Preços Pagos pela Agricultura Paulista), os resultados mostraram uma situação menos desfavorável para os agricultores, apesar da tendência haver sido, via-de-regra, ainda declinante,

comportamento que se acentuou nos dois primeiros anos da década de 90.

Pela óptica dos consumidores, entretanto, os preços médios da grande maioria dos alimentos, deflacionados pelo Índice de Preços ao Consumidor (IPC-FIPE), foram superiores aos observados em 1981, tanto em 1990 quanto em 1992, principalmente os dos alimentos industrializados. Entre 1990 e 1992, os preços no varejo dos produtos provenientes de setores mais competitivos apresentaram queda, enquanto que os oriundos de outros mais oligopolizados tenderam a subir. O subgrupo industrializados foi o único em que os preços de todos os produtos sofreram quedas durante os diversos planos econômicos decretados a partir de 1986.

NOTAS

¹Os autores agradecem a colaboração de Gisela B. Marcelino nas fases de coleta e análise inicial dos dados. Agradecem também os comentários e observações de Caio T. Yamaguishi e Nelson B. Martin. Recebido em 13/09/93. Liberado para publicação em 29/10/93.

²Pesquisadores Científicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

³Tanto a produtividade da terra como a do trabalho apresentaram elevações durante o período. Máquinas e fertilizantes mantiveram nível praticamente constante enquanto que na década anterior haviam sofrido perdas de produtividade. Dados sobre produção e produtividade nas décadas de 70 e 80 podem ser vistos em VICENTE (1989), GASQUES & VILA VERDE (1990) e SILVA (1991). Especificamente para o Estado de São Paulo, ver SILVA (1984) e VICENTE & CASER (1991).

⁴Sobre preços de insumos agrícolas ver SILVA (1991) e HOMEM DE MELO (1991).

⁵Na verdade esse percentual deve ser mais elevado, uma vez que fumo e bebidas estão incluídos nos 16% gastos com despesas pessoais.

⁶Esse fato é freqüentemente associado à existência de formas não competitivas no mercado, que tendem a aumentar a parcela do dispêndio dos consumidores apropriada pelos intermediários, deprimindo a renda dos agricultores, reduzindo o abastecimento e elevando os preços finais dos produtos. Entretanto, mesmo sob competição, reduções no preço ao produtor não serão inteiramente repassadas aos consumidores se a elasticidade de transmissão de preços for inferior à unidade (BARROS, 1987). Por outro lado, o impacto de eventuais reduções de preços de alimentos no bem estar familiar depende da participação dos produtos no orçamento (ver, a esse respeito, o estudo de SILVA, 1993).

⁷Detalhes sobre os levantamentos, bem como as séries de preços mensais até dezembro de 1988, encontram-se em SANTO TIAGO et alii (1990).

⁸Apesar do IGP-DI não ser o deflator mais apropriado para cada um desses níveis de preços, seu emprego permite

comparar a evolução dos preços desde o produtor até o consumidor final, entre si e com o conjunto dos demais setores da economia. VEIGA (1990) atribui ao uso do IGP como deflator o consenso sobre a queda dos preços reais tanto dos produtos agrícolas como dos insumos utilizados pelo setor durante a década de 80.

⁹Os fundamentos dessa divisão podem ser vistos, por exemplo, em HOMEM DE MELO (1988).

¹⁰No caso presente, as inferências sobre as margens baseiam-se nas médias anuais dos preços, sem ponderação; médias ponderadas poderiam fornecer resultados melhores.

Margem de comercialização é a diferença entre o preço de venda de uma unidade de produto, pelo intermediário (ou conjunto de intermediários) e o pagamento feito pela quantidade equivalente comprada para vender essa unidade (JUNQUEIRA & CANTO, 1971). A margem total (MT) procura medir as despesas do consumidor devidas a todo o processo de comercialização. Corresponde à diferença entre preço de varejo (P_v) de um produto qualquer e o pagamento recebido pelo produtor pela quantidade equivalente na fazenda (P_p) (considerando ajustes para os sub-produtos). A margem total relativa é expressa como proporção do preço no varejo (Barros,1987):

$$M'T = \frac{(P_v - P_p)}{P_v} 1$$

A margem relativa do varejo é:

$$M_{v'} = \frac{(P_v - P_a)}{P_v}$$

onde, P_a é o preço no atacado. A margem relativa do atacadista é, então:

$$M_{a'} = \frac{(P_a - P_p)}{P_a} 2$$

As margens geralmente medidas são margens correntes, não levam em conta a defasagem entre o instante em que o produtor vendeu seu produto e em que o mesmo foi adquirido pelo consumidor final.

Para o arroz, o preço no varejo representa principalmente, o produto do Rio Grande do Sul, e os comentários sobre as margens só são válidos se os preços ao produtor seguiram de perto as tendências do produzido em São Paulo. O sentido dessas alterações é o mesmo, caso seja empregado o conceito de "markup"; nesse caso, os denominadores das fórmulas anteriores seriam os preços de compra.

¹¹Os preços desse produto, após décadas de tabelamento, foram liberados em novembro de 1991.

¹²Isso em conseqüência da queda dos preços reais dos insumos utilizados na agricultura (deflacionados pelo IGP-FGV); ver, a esse respeito, HOMEM DE MELO (1991).

¹³SANTOS & SANTOS (1992) já haviam assinalado a tendência, dentro do item alimentação, dos preços dos produtos industrializados (setor mais oligopolizado) crescerem mais do que os dos produtos *in natura* (setor mais competitivo).

¹⁴Foram efetuadas comparações entre os meses finais e iniciais dos planos e dois e três meses após, com o final dos períodos de congelamento.

¹⁵Comparações efetuadas entre os preços de outubro e março de 1986.

¹⁶Comparações efetuadas entre os preços de agosto e junho de 1987.

¹⁷Neste plano não houve congelamento de preços, mas uma súbita diminuição da liquidez pela retenção dos ativos

financeiros. As comparações foram efetuadas entre os preços dos meses de agosto e abril de 1990.

¹⁸Comparando-se os preços de maio e março de 1991.

¹⁹Naturalmente, estando as margens relacionadas aos custos, é esperado que, à medida que as quantidades comercializadas variem, os preços dos insumos de comercialização (mão-de-obra, combustíveis, aluguel, etc.) variem proporcionalmente menos que os preços dos produtos agrícolas, levando a alterações menores no varejo do que as ocorridas em nível de produtor (BARROS, 1987).

LITERATURA CITADA

BARROS, Geraldo S. A. C. **Economia da comercialização agrícola**. Piracicaba, FEALQ, 1987. 306p.

CONJUNTURA ECONÔMICA, Rio de Janeiro, v.46, n.2, fev. 1992. p.36-38.

GASQUES, José G. & VILA VERDE; Carlos M. Crescimento da agricultura brasileira e política agrícola nos anos oitenta. **Agricultura em São Paulo**, SP, **37**(1):183-204, 1990.

HOMEM DE MELO, Fernando B. Um diagnóstico sobre a produção e abastecimento alimentar no Brasil. _____, SP, **35**(T. Esp.):115-156, 1988.

_____. Tendência de queda dos preços reais de insumos agrícolas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 29, Campinas, SP, 28 jul. a 01 ago. 1991. **Anais...** Brasília, SOBER, 1991. p.279-291.

INFORMAÇÕES ECONÔMICAS. São Paulo, IEA, 1989-92.

JUNQUEIRA, Pérsio C. & CANTO, Wilson L. C-esta de mercado-margens totais de comercialização. **Agricultura em São Paulo**, SP, **28**(9/10):1-46, 1971.

SANTIAGO, Maura M. D. et alii. **Estatísticas de preços agrícolas no Estado de São Paulo**. São

Paulo, IEA, 1990. 3v.

SANTOS, José C. S. & SANTOS, Zuleima A. P. S. Índices de preços ao consumidor FIPE: 1982-1991. **Informações FIPE**, SP, (137):10-13, jan. 1992.

SILVA, Gabriel L. S. P. **Produtividade agrícola pesquisa e extensão rural**. São Paulo, IPE/USP, 1984. 143p.

_____. Transforming brazilian agriculture. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 29, Campinas, SP, 28 jul. a 01 ago. 1991. **Anais...** Brasília, SOBER, 1991. p.254-278.

SILVA, Cesar R.L. **Inovações tecnológica na agricultura brasileira: aspectos distributivos**. São Paulo, FEA/USP, 1993. 215p. (Tese de Doutorado).

VEIGA, José E. A inflação da sopa. **Informações FIPE**, SP, (120):9-10, jul. 1990.

VICENTE, José R. **Influência da educação, pesquisa e assistência técnica na produtividade da agricultura brasileira na década de oitenta**. Piracicaba, ESALQ/USP, 1989. 193p. (Dissertação de Mestrado).

VICENTE, José R. & CASER, Denise V. Produção e produtividade em anos de crise: a agricultura paulista no período 1980-91. **Informações Econômicas**, SP, **21**(11):9-14, nov. 1991.

